

ORAÇÕES SUBJETIVAS: VARIÂNCIA E INVARIÂNCIA DE PADRÕES NA FALA E NA ESCRITA

Sebastião Carlos Leite GONÇALVES

Universidade Estadual Paulista – (UNESP)/ CNPq

RESUMO

Investigo neste trabalho a variância e a invariância de padrões de orações subjetivas na fala e na escrita do português brasileiro contemporâneo. Analiso quatro parâmetros (classe categorial e classe semântica do predicado matriz, forma da oração encaixada e correlação modo-temporal entre matriz e encaixada) e mostro que há menor variância de padrões na fala.

ABSTRACT

This work investigates the variance and invariance of subject clauses patterns in spoken and written contemporary Brazilian Portuguese. I analyze four parameters (category and semantic class of matrix predicate, form of embedded clause and mood-tense correlation between matrix and embedded clauses) and show that there is less variance in speech patterns.

PALAVRAS-CHAVE

Escrita. Fala. Oração subjetiva. Subordinação.

KEY-WORDS

Speech. Subject clause. Subordination. Writing.

Introdução

Uma das formas de encaixamento de oração no português é representada pelas orações substantivas, comumente referidas como aquelas que se equiparam a um sintagma nominal (SN), que, na frase, ocupa uma determinada posição sintática (NEVES, 2000). É em razão de se comportarem como elemento nominal que são tradicionalmente chamadas de *orações substantivas*, casos das orações parentetizadas em (01) a (05), em que se destacam diferentes padrões.¹

(01)

- a. É **engraçado** [_{oração} que meu pai se esqueceu do tanto que ele era arteiro e levado] (F, BDI, N)
- b. É **engraçado** [_{SN nominalização} o esquecimento do meu pai do tanto ...]
- c. É **engraçada** [_{SN} a rapariga] (HOUAISS, 2001, adaptado)

(02)

- a. É **moda** agora [_{oração} adolescente de dezesseis anos ficar grávida] (F, BDI, A)
- b. É **moda** agora [_{SN nominalização} a gravidez de adolescente de dezesseis anos].
- c. É **moda** agora [_{SN} minissaia] (HOUAISS, 2001, adaptado)

(03)

- a. Não é **verdade** [_{oração} *que ele vai morrer*] (E, BDL, D)
- b. Não é **verdade** [_{SN nominalização} *a morte dele*]
- c. Não é **verdade** [_{SN} esse fato] (HOUAISS, 2001, adaptado)

¹ Nas ocorrências exemplificativas, entre parêntesis, seguem informações da fonte de onde os dados foram extraídos: Modalidade ((E)scrita, (F)alada)), Banco de dados (BDL-Banco de dados Lexicográfico da UNESP-Araraquara, BDI-Banco de dados Iboruna) e Tipo de texto ((T)écnico), O(ratório) e D(ramático), (N)arrativo, (D)escritivo, (A)rgumentativo, (P)rocedural)). Outras fontes seguem citação convencional.

(04)

- a. [Até eu escolher o sabor que eu quero] **demora**. (F, BDI, P)
- b. [A escolha do sabor que eu quero] **demora**.
- c. [As boas mudanças] **demoram**. (HOUAISS, 2001)

(05)

- a. **Urge** [_{oração} convocar a inteligência e o civismo do povo brasileiro] (E, BDL, O)
- b. **Urge** [_{SN nominalização} a convocação da inteligência e do civismo ...]
- c. **Urge** [_{SN} o tempo] (HOUAISS, 2001, adaptado).

Nas ocorrências, a correspondência entre oração e substantivo se verifica no cotejo do funcionamento dos constituintes parentetizados em (a) com as respectivas nominalizações resultantes de paráfrases em (b) e com os SN's, não nominalizáveis, em (c). Todos os constituintes parentetizados compõem com um predador principal uma relação do tipo predicado-argumento. Para além desses fatores que envolvem posição estrutural na sentença e complexidade do argumento (oracional, nominalização ou simples SN), também fatores de ordem sintática, semântica e pragmática são necessários para uma descrição mais satisfatória das chamadas *orações subjetivas*. São, portanto, objeto de descrição deste trabalho os tipos de construção exemplificados em (01) a (05), aos quais os manuais de gramática, mesmo as de cunho descritivo, não dispensam um tratamento que permita distinguir com clareza os padrões que se agrupam sob esse mesmo rótulo; por vezes, fazem referência tão somente ao funcionamento sintático do argumento oracional do predicado matriz, sem a preocupação de estabelecer correlações entre tal constituinte e o predicado em que ele se encaixa. Então, como parte de um projeto maior cujo propósito é traçar um quadro tipológico das orações subjetivas, tomando por base alguns pressupostos do quadro

da gramaticalização (HOPPER e TRAUGOTT, 2003; BYBEE, 2001, 2003), no presente artigo cuido de expor a variância e invariância de padrões de orações subjetivas na fala e na escrita do português brasileiro contemporâneo (PB, daqui em diante).

Importante dizer que não contemplo nesse momento dois tipos de ocorrências, possivelmente identificados com orações subjetivas, como exemplifico em (06) e (07).

(06)

- a. **Ficou provado** [que Jorge era púbere] ...
- b. Mas **acredita-se** [que o número de assaltos por ele praticado seja bem maior] (NEVES, 2000, p. 335; 342).

(07)

- a. Nossa ... **muito engraçado** [ver todo mundo novi::nho falando tudo errado em inglês] sabe? (F, BDI, A)

Sentenças do tipo de (06) foram descartadas por conta do controverso nível de encaixamento oracional, se na posição de argumento externo (sujeito), como reconhece a tradição gramatical, ou se na de argumento interno (objeto), como defendem, por exemplo, gerativistas como Kato e Miotto (2001). Sentenças identificadas com (07) foram excluídas do quadro das orações subjetivas, em razão de a omissão da cópula na matriz representar casos mais avançados de gramaticalização do complexo oracional (LEHMANN 1988), o que requer uma reanálise do estatuto sintático-semântico não só da oração matriz, mas da relação envolvendo matriz e encaixada (FORTILLI, 2009).

Delimitado o fenômeno, os dados empíricos que embasam a descrição foram extraídos de dois *corpora*: (i) da modalidade escrita contemporânea do Brasil foram consideradas 10 amostras representativas dos gêneros dramático, técnico e oratório, provenientes do banco de dados Lexicográficos da UNESP de Araraquara (BDL), totalizando 30

amostras; (ii) da modalidade falada, foram consideradas 30 amostras provenientes do banco de dados Iboruna, que registra a variedade falada no noroeste paulista, com o controle dos seguintes tipos/gêneros textuais: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de opinião, relato de descrição e relato de procedimento (GONÇALVES, 2007). Para a busca de correlação entre os parâmetros de análise e para a extração de frequências dos padrões oracionais foi empregado o pacote estatístico GOLDVARB, de uso muito comum em estudos de natureza variacionista, o que não é o caso do presente trabalho. Emprega-se aqui tal ferramenta apenas para se ter a garantia de que todas as ocorrências serão analisadas à luz dos mesmos critérios.

Para os propósitos do presente artigo, a descrição e as análises pautam-se pela investigação dos seguintes parâmetros: *categoria do predicado matriz* (verbo, adjetivo, nome); *valor semântico-pragmático do predicado matriz* (epistêmico, deôntico, avaliativos, outros), *formato da oração encaixada* (finita, infinitiva) e *relação tempo-modo entre matriz e encaixada*, como se explicitará mais adiante. O entrecruzamento desses parâmetros define diferentes padrões de orações subjetivas, que terão sua produtividade avaliada, na fala e na escrita, em termos de suas frequências *token* e *type*, metodologia adaptada de Bybee (2003). Assim, para o presente estudo, *frequência token* diz respeito ao número de ocorrências de um padrão de oração subjetiva, idenpentemente do tipo específico de predicado matriz que atualiza uma dada função semântico-pragmática. A apuração da frequência *type* considera tipos específicos de predicados matrizes, enquadrados dentro de um domínio semântico particular, que ao lado dos outros parâmetros, define um padrão específico.

O presente artigo divide-se em três partes. Na primeira, faço breve explanação sobre articulação de orações, na segunda apresento resultados da caracterização dos padrões de orações subjetivas; reservo a terceira parte às considerações finais, onde mostro aproximações e distanciamentos das modalidades faladas e escritas para o fenômeno em análise.

1. Alinhamento teórico

Em vista da inclusão de diferentes tipos de construções complexas sob o rótulo da *Subordinação*, exponho, nesta seção, o modo como tais construções são tratadas na abordagem funcionalista.

1.1. Sobre subordinação sentencial

Na tradição gramatical, arrolam-se orações de diferentes estatutos sintático-semânticos na abordagem das chamadas *orações complexas*. Composto construções de subordinação, encontram-se orações adverbiais, adjetivas e substantivas (CUNHA e CINTRA, 1991), o que leva ao questionamento do estatuto de subordinação atribuível aos constituintes não-oracionais que lhes são correspondentes (advérbio, adjetivo e substantivo) no funcionamento da estrutura frasal simples, não complexa. Está na base desse questionamento a equivalência funcional que se pretende estabelecer entre termos simples e oracionais e a impropriedade de se estender o estatuto de subordinação para abarcar todos esses casos indistintamente. Por exemplo, parecem inquestionáveis as diferenças funcionais de um SN em posição de sujeito e em posição de objeto, em relação a outros constituintes adverbiais ou mesmo adjetivais. Substantivos, adjetivos e advérbios participam de algum modo diferenciado da composição de uma sentença, que é determinada pela estrutura argumental de um predicado.

Na resolução de tal impropriedade, uma proposta diferente para o tratamento das orações complexas é oferecida pela linguística de orientação funcionalista, que trata do modo como as orações se combinam no interior de um complexo oracional. Haiman e Thompson (1988), Halliday (1985), Hopper e Traugott (2003), entre outros, defendem um modo tripartite para um entendimento mais satisfatório de como as orações se articulam no interior de um complexo oracional, propondo a seguinte separação: *parataxe*, *hipotaxe* e *subordinação*. Tal distinção é

explicada por Hopper e Traugott (2003) com base no reconhecimento de diferentes graus de integração sintática, reveladores de um percurso unidirecional de gramaticalização dessas orações. Valendo-se, então, da combinação dos traços [dependência] e [encaixamento], Hopper e Traugott (2003, p. 170) propõem um *continuum*, reproduzido em (08), para colocar de um lado os casos de relações táticas ((08a), (08b)) e, de outro, os casos de subordinação estrita ((08c)).

(08) *Continuum* da combinação de orações

	Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
[Dependência]	-		+		+
[Encaixamento]	-		-		+

(HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 170)

- a. Parataxe
 - a'. João chegou atrasado à aula. Ele ficou com falta.
 - a''. João chegou atrasado à aula e ficou com falta.
- b. Hipotaxe
 - b'. João ficou com falta, porque chegou atrasado à aula.
- c. Subordinação
 - c'. Não vi se **João chegou**.
 - c''. Não vi **João chegar**.
 - c'''. Não vi **a chegada de João**.

Sob os critérios de *dependência*, *integração* e *tipo de ligação* entre orações, propõem ainda os autores a caracterização da combinação de orações, como mostrada em (09).

(09) Propriedades gradientes da combinação de orações

Parataxe	Hipotaxe	Subordinação
(independência)	(interdependência)	(dependência)
núcleo	<----->	Margem
integração mínima	<----->	integração máxima
ligação explícita	<----->	ligação explícita
máxima		mínima

(HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 172)

A partir das propriedades dadas nessa esquematização, a parataxe se caracteriza pela relativa independência e integração mínima entre as orações, como em (08a); a hipotaxe, pela relativa interdependência e por um grau intermediário de integração, como em (08b); e a subordinação, por total dependência e integração máxima entre as orações, ou seja, a margem é encaixada em um constituinte da oração núcleo, sem a necessidade de um nexos que as uma, como em (08c). Mesmo em se tratando de subordinação *stricto sensu*, há exemplares mais gramaticalizados (ou mais integrados) do que outros, como explicita Lehmann (1988) em sua proposta de gramaticalização e dessentencialização de orações. A depender do grau de sentencialidade da oração subordinada, ela pode apresentar-se forte ou fracamente integrada a um núcleo, que pode, inclusive, tomar como margem uma construção reduzida ao grau máximo de dessentencialização, representado pelos casos de nominalização, como mostra o esquema em (10), de que (08c) é exemplo.

(10) *Continuum* de sentencialidade

sentencialidade	<----->	nominalidade
oração finita <	oração não-finita	< nominalização
integração fraca <	integração média	< integração forte

LEHMANN, 1998, p. 200)

Rearranjando a classificação tradicional das orações complexas dentro desse esquema de combinação de orações, têm-se, então, sob a designação de *parataxe*, orações coordenadas e justapostas ((8a)), sob a designação de *hipotaxe*, orações adverbiais ((8b)), e, por fim, sob a designação de *subordinação*, apenas as subordinadas substantivas ((8c)) e adjetivas restritivas.

Do até aqui exposto, *Subordinação*, então, é aqui tratada como o mecanismo sintático por meio do qual uma predicação é estruturada como argumento de um predicado. Predicado completável por argumentos oracionais é chamado *predicado matriz*, e oração que tem esse predicado como núcleo é a *oração matriz*. Alternativamente, complemento oracional de predicado matriz é também referido como *oração encaixada* ou *subordinada* (NOONAN, 1985; GONÇALVES *et al.*, 2008). Atestam essa definição os exemplos dados em (08c), em que o predicado matriz *ver* toma por complemento a oração subordinada constituída por uma estrutura de predicação formada pelo predicado *chegar* em sua forma verbal finita, como em (8c'), ou infinitiva, como em (8c''), ou em sua forma nominalizada, como em (8c''').

Estruturalmente, a definição de construções encaixadas se completa por referência às posições argumentais que elas ocupam no complexo oracional, propriedade dependente da estrutura argumental do predicado matriz: em posição A1, de primeiro argumento, caso das subjetivas (*parece [que...]*), em posição A2, de segundo argumento, caso das objetivas (*X acha/crê [que...]*), ou em posição A3, de terceiro argumento, caso das objetivas indiretas (*X convince Y [de que...]*). Importante dessa definição é a identificação do ambiente sintático em que a oração encaixada ocorre, sempre sustentando uma relação do tipo argumento-predicado (NOONAN, 1985).

Em outras palavras, uma oração pode ser considerada argumento de um predicado (verbal, nominal, adjetival) se ela ocorre em posição argumental semelhante à de um termo simples, cuja funcionalidade define também o estatuto sintático das orações encaixadas a ele

equivalentes (*sujeito, objeto e complemento de nome*). Assim, o valor funcional de construções encaixadas é determinado pelas relações funcionais que elas assumem dentro do complexo oracional mais amplo em que ocorrem.

1.2. Sobre as orações subjetivas

Na literatura funcionalista que trata de articulação de orações, atenção maior tem sido dispensada a orações paratáticas e hipotáticas (HAIMAN e THOMPSON, 1988; NEVES, 2000; entre outros) e às encaixadas em posição de objeto, ou posição A2 (NOONAN, 1985; THOMPSON, 2002; BYBEE, 2001; HOPPER e TRAUGOTT, 2003; LEHMANN, 1988; BRAGA, 1999; entre outros). Raros têm sido trabalhos que tematizam exclusivamente encaixamento de orações em posição A1 (CABEZA PEREIRO, 1997). Na vertente formalista, por sua vez, a atenção se volta mais para complementos oracionais tanto em posição A1 quanto em A2 (MIOTO e KATO, 2000; KATO e MIOTO, 2001; QUÍCOLI, 1976; PERLMUTTER, 1976), e poucos são os trabalhos dedicados a relações hipotáticas. Mais raros ainda, em ambas as vertentes linguísticas, são trabalhos que tratem simultaneamente das relações entre matriz e encaixada (cf. SOUSA, 2007; GONÇALVES et al., 2008; SANTANA, 2010, para um tratamento funcionalista da subordinação); focam mais a natureza ou do predicado matriz ou da oração encaixada do que as diferentes relações que de fato se estabelecem no interior do complexo oracional.

Como já mostrei de (01) a (05), é no paralelo da equivalência funcional entre termo simples e oracional que se caracterizam as orações subjetivas: ocorrem na posição A1 dos predicados (verbal, nominal ou adjetival), pospostas à matriz, diferentemente da posição canônica de sujeito em relação ao predicado, fato explicável pela complexidade do constituinte encaixado (DIK, 1989), podendo expressar-se na forma finita ou infinitiva, como mostram os padrões estruturais em (11a,b,c) e suas respectivas exemplificações.

(11) Padrões estruturais das orações subjetivas²

- a. $[_O [_{matriz} \text{SV} [_{encaixada} \text{Oração}]_{A1}]]$
 a'. porque às vezes problema assim - DE bairro - DE
 periferia tem violência tem mesmo né? **num adianta**
[falá(r) que num tem...] (F, BDI, D)
- b. $[_O [_{matriz} \text{ser} + \text{SN} [_{encaixada} \text{Oração}]_{A1}]]$
 b'. (ah então é::) uma cidade tão bonita mas é uma pe::na
[que o nosso prefeito foi cassa::do] (F, BDI, A)
- c. $[_O [_{matriz} \text{ser} + (SA)(SPrep) [_{encaixada} \text{Oração}]_{A1}]]$
 c'. **É bem possível** *[que o tenham jogado no porão...]* (E, BDL, D)
- c''. Nesse propósito, **é de justiça** *[assinalar]*, também se congregam os filhos de outros países amigos, que para aqui vieram trazer-nos a ajuda do seu braço... (E, BDL, O)
 (GONÇALVES, 2001)

Em termos semânticos, orações subjetivas podem ser construídas como conteúdo proposicional (que, localizado no espaço e no tempo, tem seu estatuto avaliado somente em termos de verdade), como é o caso de (03a), ou como estado-de-coisas (avaliados não em termos de sua verdade, mas de sua realidade), como é o caso de (01a), (02a), (04a) e (05a) (LYONS, 1977; DIK, 1997). Associados a essas funções semânticas, estão valores semântico-pragmáticos da oração matriz, que, provenientes da avaliação subjetiva do falante,³ expressam modalidade epistêmica, como em (03a), ou deôntica, como em (05a). Isso significa dizer que, como alvo de avaliação do falante, o conteúdo de orações subjetivas pode estar relacionado ou ao eixo do conhecimento (valor epistêmico) ou ao eixo da conduta (valor deôntico). Outros valores pragmáticos não ligados estritamente a esses eixos também se manifestam, respondendo

² Constituintes encerrados por parênteses são mutuamente exclusivos.

³ Estou usando *falante* como designação genérica de *usuário de língua natural*.

por outros tipos de avaliação subjetiva do conteúdo informacional expresso na oração subjetiva, como em (01a), (02a) e (04a).⁴

Ocorrem nos corpora investigados, dois outros tipos de predicado matriz, que não envolvem qualificação subjetiva, *predicados de realização/ocorrência* e *predicados causativos* (GONÇALVES *et al.*, 2008), como mostro em (12) e (13), respectivamente.

(12)

- a. nunca **aconteceu** [de::... de meu pai pegá(r) minha mãe assim pra batê(r)] (F, BDI, N)
- b. **acontecia-nos**, a mim, diante de uma catedral [estar vendo projetado na fachada grandiosa o humilde rosto da igreja do Sergipe da minha infância] (E, BDI, O)

(13)

- a. o que **dá** o agridoce do/ da coisa é [*voce colocá(r) uma colher de açúcar*]. (F, BDI, P)
- b. mais pra FREN::te... quando a pessoa ficá(r) mais... crescê(r) MAIS adulto assim acho que **va::i vai dá(r)** consequência... [*bebê::(r) fuMÁ(r) essas coisa*] (F, BDI, A)

Cabe indagar, neste ponto, como tais propriedades se cruzam para a definição dos padrões de orações subjetivas prototípicas.⁵ Tentando buscar respostas a essa questão, passo a analisar alguns resultados, valendo-me da frequência como um critério norteador da prototipia.

⁴ Sobre o rótulo “avaliativo” para designar tipos de avaliação não-modal, valho-me da observação de Cervoni (1989), que, após notar a inaptidão de certos predicados na qualificação modal de proposições, admite a possibilidade de se opor-lhes uma barreira, de modo a não incluí-los no domínio da modalidade. Assim, consoante essa sua proposta, predicadores avaliativos, embora índices de subjetividade, estariam fora da categoria de modalidade.

⁵ Prototipicidade de uma construção é aqui entendida como “emparelhamento de uma forma a uma função” (TAYLOR, 1989). Assim, para se alcançar a produtividade de uma construção, além da especificação de uma fórmula sintática, cujos *slots* são saturados por itens lexicais, também atributos semânticos e pragmáticos devem ser especificados, de modo a se compor um centro prototípico, em torno do qual se verifica a centralidade/marginalidade de dada ocorrência.

2. Descrição e análise dos resultados

Na tabela 1, a seguir, estão referenciados os padrões de orações subjetivas ocorrentes nos *corpora* de fala e de escrita, com destaque para suas variância e invariância, representadas pelos sinais “+” e “-”, indicadores, respectivamente, de presença ou de ausência de determinada combinatória de propriedades definidoras de padrões nas duas modalidades consideradas.

TABELA 1: Orações subjetivas: variância e invariância de padrões na fala e na escrita

CATEGORIAS DO PREDICADO MATRIZ	ORAÇÃO ENCAIXADA	MODALIDADE		TIPO DE PREDICADO MATRIZ	
		FALA	ESCR	FALA	ESCRITA
NOME					
<i>Epistêmico</i>	FINITA	-	+	-	01 <i>type</i> : Verdade (7)
					07 <i>tokens</i>
<i>Deôntico</i>	FINITA	-	+	-	03 <i>types</i> : Desejo (1), Obrigação (1), Tarefa (1)
	NÃO-FIN	-	+		03 <i>tokens</i>
<i>Avaliativo</i>	NÃO-FIN	+	+	03 <i>types</i> : Moda (1), Morte (1), Pena (1)	05 <i>types</i> : Honra (1), Justiça (1), Pecado (1), Privilégio (1), Regozijo (1)
				03 <i>tokens</i>	05 <i>tokens</i>

continuação da tabela 1

ADJETIVO					
<i>Epistêmico</i>	FINITA	-	+	04 <i>types</i> : Certo (1), Claro (3), Lógico (10), Possível (1)	05 <i>types</i> : Possível (3), Claro (3), Evidente (2), Provável (1), Ser de Supor (1)
	NÃO-FIN	+	+	15 <i>tokens</i>	10 <i>tokens</i>
<i>Deontico</i>	FINITA	-	+	06 <i>types</i> : Aconselhável (1), Conveniente (1), Indispensável (1), Permitido (1), Proibido (1), Sagrado (1)	06 <i>types</i> : Imperativo (1), Impossível (2), Indispensável (2), Necessário (16), Possível (7), Preciso (15)
	NÃO-FIN	+	+	06 <i>tokens</i>	43 <i>tokens</i>
<i>Avaliativo</i>	FINITA	+	+	24 <i>types</i> : À toa (1), Absurdo (1), Bom (3), Certo (1), Chato (1), Complicado (5), Desagradável (1), Difícil (22), Engraçado (5), Fácil (3), Gostoso (4), Horrível (2), Importante (3), Incoerente (1), Incrível (1), Interessante (1), Justo (1), Legal (2), Light (1), Melhor (5), Perigoso (1), Ruim (2), Tudo (de bom) (1)	12 <i>types</i> : Bom (2), Cômodo (2), Comum (1), Difícil (1), Fácil (5), Formidável (1), Gostoso (1), Justo (1), Mal (1), Melhor (5), Prudente (1), Vital (1)
	NÃO-FIN	+	+	68 <i>tokens</i>	22 <i>tokens</i>

continuação da tabela 1

VERBO					
<i>Epistêmico</i>	FINITA	-		01 <i>type</i> : Parecer (18)	03 <i>types</i> : Parecer (13), Pode ser (2)
	NÃO-FIN	+	+	18 <i>tokens</i>	15 <i>tokens</i>
<i>Deontico</i>	NÃO-FIN	+	+	01 <i>type</i> : Dar (4)	04 <i>types</i> : Caber (3), Convir (5), Cumprir (3), Urgir (1)
				01 <i>token</i>	12 <i>tokens</i>
<i>Avaliativo</i>	FINITA	-	+	06 <i>types</i> : Adianta (4), Bastar (1), Demora (2), Faltar (1), Marcar (1), Valer (1)	06 <i>types</i> : Adiantar (1), Bastar (7), Custar (4), Despreocupar (1), Interessar (1), Valer (2)
	NÃO-FIN	+	+	10 <i>tokens</i>	16 <i>tokens</i>
<i>Acontecimen-to/ ocorrência</i>	FINITA	-	+	01 <i>type</i> : Acontecer (3)	02 <i>types</i> : Acontecer (2), Constar (1)
	NÃO-FIN	+	+	03 <i>tokens</i>	03 <i>tokens</i>
<i>Causativo</i>	NÃO-FIN	+	-	01 <i>type</i> : Dar (2)	-
				02 <i>tokens</i>	
TOTAL				47 <i>types</i>	47 <i>types</i>
				126 <i>tokens</i> 136 <i>tokens</i>	

A partir dos dados expostos na tabela 1, constata-se, nos *corpora* de análise, a atualização de 18 diferentes padrões de orações subjetivas, variações, ao que tudo indica, são definíveis pela modalidade escrita, que concentra a quase totalidade dos padrões encontrados. Em outras palavras, enquanto a escrita conta com 17 padrões diferentes de orações subjetivas, na fala atualizam-se apenas 9 desses mesmos 17 padrões da escrita. Do total de padrões encontrados, é **exclusivo da modalidade falada** somente o padrão definido por predicados verbais causativos, encaixando orações infinitivas, padrão pouco produtivo e representado pelas duas únicas ocorrências já apresentadas em (13).

Exclusivos da modalidade escrita, ocorrem 8 padrões de orações subjetivas: (i) predicados nominais de valor modal, com os epistêmicos encaixando orações finitas, e os deônticos, orações finitas e infinitivas; (ii) predicados adjetivais de modalidade epistêmica e deôntica, ambos os tipos combinados somente com orações finitas; e, (iii) matrizes verbais expressando valores epistêmicos, avaliativos e acontecimento, combinadas somente com orações finitas.

Comuns às duas modalidades, ocorrem 9 diferentes padrões: (i) predicados nominais avaliativos, combinados com orações infinitivas; (ii) matrizes adjetivais de valor modal (epistêmico e deôntico), encaixando somente orações infinitivas, e com função avaliativa, encaixando tanto orações finitas quanto infinitivas; (iii) matrizes verbais modais (epistêmica e deôntica), de avaliação não-modal e de acontecimentos encaixando somente orações infinitivas.

À primeira vista, os dados expostos na tabela 1 permitiriam apontar que nem a natureza categorial nem a natureza semântica dos predicados matrizes são propriedades que distinguem com clareza fala e escrita, uma vez que, em ambas, ocorrem: (i) predicados matrizes nominais, adjetivais e verbais; (ii) predicados deônticos, epistêmicos, avaliativos e de acontecimento. Entretanto, sob a perspectiva desses dois parâmetros dos predicados matrizes, cabe um aprofundamento da análise dos dados, para aferir os pontos em que, de fato, fala e escrita se diferenciam.

Predicados matrizes nominais compõem 04 diferentes padrões de orações subjetivas, quando combinada sua expressão semântica (epistêmico, deôntico e avaliativo) com a variação de formato de oração encaixada, e constituem formas de expressão de modalidade epistêmica e deôntica, que, prototípicas da escrita (10 *tokens*/4 *types*), variam no formato da encaixada apenas no que diz respeito à modalidade deôntica. Quando empregados na expressão de avaliações-modais, de fato, não distinguem fala de escrita, restringindo a formatação da oração encaixada à forma infinitiva. Predicados nominais, embora pouco frequentes, são

mais típicos da modalidade escrita, tanto em número de ocorrências (15 *tokens*) quanto em número de tipos (9 *types*). Enquanto na fala há apenas 3 ocorrências para 3 tipos (*moda*, *morte* e *pena*), expressando avaliação não-modal do falante, na escrita, as ocorrências distribuem-se entre a expressão de modalidade epistêmica (*verdade*), deôntica (*desejo*, *obrigação* e *tarefa*) e outros tipos de avaliação não-modal (*honra*, *justiça*, *pecado*, *privilegio*, *regozijo*).

Predicados adjetivais compõem com os nominais uma classe fechada, na medida em que são empregados para a expressão dos mesmos valores semânticos (epistêmico, deôntico e avaliativo). Deve-se observar, entretanto, que na escrita ocorrem com maior frequência qualificações modais epistêmicas e deônticas (53 ocorrências), enquanto na fala prevalecem avaliações não-modais de estado-de-coisas e proposições (68 ocorrências). O aspecto que diferencia essas duas primeiras classes categorias de predicados matrizes é a maior variação que predicados adjetivais experimentam quanto ao formato de oração que encaixam, resultando assim 6 diferentes padrões, dos quais, apenas quatro se atualizam na modalidade falada. A restrição de formato, em favor de orações infinitivas, fica por conta unicamente da modalidade falada, que não atualiza padrões formados por predicados matrizes epistêmicos e deônticos combinados com orações finitas. Abunda para os predicados adjetivais a expressão de avaliação não-modal, tanto em termos de *tokens* quanto de *types*, mais até na escrita do que na fala (68 *tokens*/24 *types* e 22 *tokens*/12 *types*, respectivamente).

Compondo 10 diferentes padrões de orações subjetivas, considerando-se as duas modalidades da língua conjuntamente (5 da fala e 7 da escrita)⁶, predicados verbais apresentam maior variedade semântica, incluindo, além dos valores identificados para predicados matrizes nominais e adjetivais, dois outros tipos: *predicados de acontecimento/ ocorrência* e *predicados causativos*, os quais, em termos de *token* e *type*,

⁶ Lembre-se de que o total de padrões não representa a simples soma de padrões da fala e da escrita.

compõem padrões pouco frequentes nos *corpora* de fala e de escrita. Para esse tipo categorial de predicado, ocorrem com acentuada frequência *token/type* predicados atualizados pelo verbo *parecer*, ao que tudo indica, forma de expressão preferida de modalidade epistêmica, em ambas as modalidades da língua. Oração infinitiva combinada com predicados verbais é tipo de formato exclusivo da fala, enquanto, na escrita, quando esse mesmo tipo categorial expressa avaliações modais (epistêmica e deôntica) e não modais, ele admite orações finitas e infinitivas.

De modo geral, em termos de frequência *type*, independentemente do tipo categorial de predicados e da modalidade da língua, valores não-modais prevalecem sobre os deônticos, que, por sua vez, prevalecem sobre os epistêmicos. Os demais tipos semânticos (predicados de acontecimento e predicados causativos), restritos à expressão por meio de matrizes verbais, compõem padrões marginais de orações subjetivas.

Assumindo-se, agora, como perspectiva de análise, o formato da oração encaixada, observa-se que a modalidade escrita apresenta maior variância na composição de padrões do que a falada, esta composta, quase categoricamente, por orações infinitivas, exceção feita ao padrão formado por predicado adjetival avaliativo, que permite encaixar orações finitas e infinitiva, como exposto anteriormente. No tocante à escrita, quase todas as classes sintático-semânticas de predicados variam quanto ao formato da oração encaixada, com exceção de três delas, que admitem ou somente oração finita (nominal epistêmico) ou somente infinitiva (nominal avaliativo e verbal deôntico). A total variabilidade de formato da oração (finita/infinitiva) fica por conta das diferentes classes semânticas de predicados adjetivais, como também já foi apontado.

Sobre a relação tempo-modo entre matriz e encaixada, esta é uma propriedade que também não diferencia fala de escrita, como pode ser observado na tabela 02 abaixo.⁷

⁷ A diferença entre os totais das tabelas 1 e 2 deve-se ao fato de nesta se considerar apenas casos de tempo manifesto na matriz e na encaixada (75 casos). Do total de orações, encaixadas finitas totalizam 83 casos. A diferença de 8 ocorrências se deve à matriz sem marca de tempo. Abaixo segue o resultado geral.

TABELA 2: Orações subjetivas: correlação modo-temporal entre matriz e encaixada na fala e na escrita

Matriz	PRES. IND.		FUT. PRES. IND.		PERF. IND.		IMP.IND.		TOTAL	
	ESCRITA	FALA	ESCRITA	FALA	ESCRITA	FALA	ESCRITA	FALA	ESCRITA	FALA
PRES.IND.	11	10	-	-	-	-	-	-	11	10
PERF.IND.	06	07	01	-	-	-	-	-	07	07
IMP.IND.	01	03	-	-	-	01	01	01	02	05
FUT.PRES.IND.	04	05	-	-	-	-	-	-	04	05
PRES.SUBJ.	19	01	01	-	-	-	-	-	20	01
FUT.SUBJ.	-	01	-	-	-	-	-	-	0	01
PRET.IMP.SUBJ	-	-	-	-	-	-	02	-	02	0
TOTAL	41	27	02	-	-	01	03	01	46	29

Como se observa, tanto na fala como na escrita, a variabilidade da correlação modo-temporal fica por conta da expressão de PRES.IND. na matriz, o que permite a combinação com tempos de PRES., PERF., IMPERF. e FUT. na oração encaixada, de ambos os modos (IND. e SUBJ.), com destaque para a frequência mais acentuada de tempos do PRES, um forte indicativo de que a avaliação do usuário sobre o conteúdo informacional da oração encaixada é sempre concomitante com o tempo presente da enunciação, como já apontei em trabalhos anteriores (GONÇALVES, 2003).

Convém observar ainda que os tempos de SUBJ. são mais empregados na escrita do que na fala. Duas razões podem ser apontadas para essa diferença que separa fala de escrita: a primeira se deve à maior presença,

INFINITIVA	FINITA	TOTAL	
Fala	90	36	126
Escrita	89	47	136
TOTAL	179	83	

na escrita, de predicados adjetivais deônticos, que exigem o modo subjuntivo na encaixada, fato que explica a quase ausência de formas temporais de subjuntivo na fala (na qual prevalecem outras formas de avaliação veiculadas na matriz, que tomam como complemento orações infinitivas ou formas de indicativo). A segunda explicação vem do fato de que, na fala da variedade considerada no presente trabalho, há forte tendência de neutralização das formas de subjuntivo, em lugar das quais vem se empregando alternativamente o indicativo, sem qualquer constatação de estigma social, conforme atesta Silva (2005).

3. Considerações finais

Os parâmetros de análise empregados para a descrição da variância e invariância de padrões de orações subjetivas e a metodologia utilizada para a apuração da frequência de uso desses padrões, na fala e na escrita, permitem estabelecer aproximações e distanciamentos entre essas duas modalidades, conforme se pode constatar no quadro 1 a seguir, que sintetiza os resultados provenientes dos dados analisados.

QUADRO 1: Caracterização da fala e da escrita quanto aos padrões de orações subjetivas.

Parâmetros	Fala	Escrita
Formato da oração encaixada	Quase categoricamente infinitivas (exceção a predicados adjetivais avaliativos).	Finita e infinitiva para quase todos os padrões.
Tipo categorial e semântico da matriz	Presença de todos os tipos.	Presença de todos os tipos.

continuação quadro 1

Correlação modo-temporal	Prevalecem tempos do PRES. IND. na matriz + PRES.IND. na encaixada.	Prevalecem tempos do PRES.IND. na matriz + PRES.SUJ. na encaixada.
Frequência de uso	(i) predicados nominais raros e semanticamente in-variáveis (todos avaliativos). (ii) predicados adjetivais empregados mais em avaliações não-modais.	(i) predicados nominais frequentes e semanticamente variáveis. (ii) predicados adjetivais empregados mais em avaliações modais (deônticas e epistêmicas).
Considerados conjuntamente	Presença de 10 padrões diferentes, com apenas um padrão específico da modalidade.	Presença de 17 padrões diferentes, com 8 padrões específicos da modalidade.
	Partilham 9 padrões	

Desse quadro comparativo, observa-se maior variância de padrões de orações subjetivas na escrita do que na fala. Padrões encontrados na fala superpõem-se aos da modalidade escrita, que pode ser considerada, portanto, reguladora da configuração de padrões para esse tipo específico de oração, porque mais conservadora.

Relativamente aos padrões de orações subjetivas do PB contemporâneo, o único parâmetro que distingue com nítida clareza as duas modalidades diz respeito ao formato das orações encaixadas, com as infinitivas caracterizando prototipicamente a fala. As demais propriedades são distintivas apenas em termos de frequência de uso dos padrões verificados.

E para concluir, no que se refere à integração entre matriz e encaixada no complexo oracional em que ocorrem orações subjetivas, os dados analisados de fala e de escrita permitem constatar que a forte presença de orações encaixadas infinitivas tanto na fala quanto na escrita

(90 e 89 ocorrências, respectivamente), associada à presença dos casos de subjuntivo na encaixada (22 e 01 ocorrências, respectivamente), revela certa dependência da referência temporal da encaixada em relação à matriz, uma vez que esses dois tipos de orações (infinitiva e subjuntiva) não se sustentam como oração independente (NOONAM, 1985). Retomando os *clines* de gramaticalização de orações subordinadas mostrado em (09) e em (10), mais do que as subjuntivas (23 casos), as orações infinitivas (179 casos) representariam casos de maior integração à matriz, porque sua interpretação semântica e pragmática é mais dependente de parâmetros da oração matriz (expressão de sujeito, tempo, modo, voz, aspecto, ilocução etc) e por seu encaixamento ocorrer sem qualquer nexo de integração. Esses resultados confirmam, em termos de frequência dos padrões levantados, tratar-se de um tipo de oração fortemente gramaticalizado, resultante, talvez, de um processo de mudança diacrônica, inferência que carece de confirmação empírica.

Ainda que os resultados apresentados apontem para um maior entrelaçamento entre a matriz e a encaixada, mais na fala do que na escrita, cumpre indagar se apenas a finitude constituiria critério suficiente para uma afirmação sobre o avanço desse tipo de oração na escala de gramaticalização mostrada em (10). Esses resultados, um pouso ainda provisório, requerem a consideração de outros parâmetros de integração, mais típicos da modalidade falada, tais como redução de cópula (claro *que eu sei*) e ausência de complementizador na oração matriz, e sua consequente adverbialização (claro ... *eu sei* / *eu sei* ... (é) claro). Além disso, as interpretações que aqui se oferecem requerem certa cautela na sua completa validação, uma vez que os gêneros discursivos considerados em cada um dos *corpora* podem ser fatores que também interfira na atualização de determinados padrões presentes em uma modalidade e ausentes na outra.

Referências

BRAGA, M. L. **As orações encaixadas no dialeto carioca**. Relatório de pesquisa apresentado ao CNPq, Campinas, 1999b. Mimeo.

BYBEE, J. L. **Main clauses are innovative, subordinate clauses are conservative**: consequences for the nature of constructions.

_____, NOONAN, M. (eds.) **Complex sentences in grammar and discourse**: Essays in honor of Sandra A. Thompson. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-17.

_____. **Mechanisms of change in grammaticalization**: the role of frequency. In: JANDA, R., BRIAN, J. (eds.). **Handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

CABEZA PEREIRO, C. **Lãs completivas de sujeto em español**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela e Intercâmbio Científico, 1997.

CERVONI, J. **L'enonciation**. Paris: PUF, 1987.

CUNHA, C., CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2.ed. 22ª. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

DIK, S. **The theory of functional grammar**. Part 2: Complex and derived constructions. 2.ed. N.Y.: Mouton de Gruyter, 1997.

_____. **The Theory of Functional Grammar**. Parte I: The structure of the clause. Dordrecht: Foris, 1989.

FORTILLI, S. C. **Gramaticalização e dessentencialização de orações subjetivas**. Relatório de Pesquisa. UNESP/FAPESP, 2010.

GONÇALVES, S. C. L. **Banco de dados Iboruna**: amostras do português falado no interior paulista. Disponível em: <www.iboruna.ibilce.unesp.br>. Acesso em: out. 2007.

_____. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade**: um estudo de caso no português do Brasil. 250f. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. et al. **As construções subordinadas substantivas**. In: ILARI, R., NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do português falado culto no Brasil**: classe de palavras e processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, v. 2., p. 1021-1084, 2008.

HAIMAN, J., THOMPSON, S. (eds.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.

HALLIDAY, M. A. K **An Introduction to Functional Grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HOPPER, P., TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, A., VILLAR, M. S. **Dicionário eletrônico HOUAISS da língua portuguesa**. SP: Melhoramentos, 2001.

KATO, M., MIOTO, C. **Sobre a (in)existência de sujeitos oracionais**. Laços, Rio de Janeiro, 2001.

LEHMANN, C. **Toward a typology of clause linkage**. In: HAIMAN, J., THOMPSON, S. (eds.) **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MIOTO, C., KATO, M. A. **Aspectos da subordinação sentencial**. In: ABAURRE, M. B., RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). **Gramática do português falado**. v. 8. Novos estudos descritivos. Campinas: Unicamp, 2002. p. 379-411.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

NOONAN, M. Complementation. In: SHOOPEN, T. (ed.) **Language typology and syntactic description: complex constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 43-140.

PERLMUTTER, D.M. **Evidence for subject downgrading in Portuguese**. In: SCHIMIDT-RADEFELDT, J. (ed.) **Readings in portuguese linguistics**. Amsterdam: Noth-Holland, 1976. p. 93-138,

QUÍCOLI, A. C. **On portuguese impersonal verbs**. In: SCHIMIDT-RADEFELDT, J. (ed.) **Readings in portuguese linguistics**. Amsterdam: Noth-Holland, 1976. p. 63-91.

SANTANA, L. **Relações de complementação no português do Brasil: uma abordagem discursivo-funcional**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SOUSA, G. C. **Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por se**. 199f. 2007. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. New York: Claredon/Oxford, 1989.

THOMPSON, S. A. **“Object complements” and conversation towards a realistic account**. Studies in language, v. 26 (I). Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 125-163.